



SONDERDRUCK AUS



Verhandlungen
des
XXXVIII.
Internationalen Amerikanistenkongresses

Stuttgart-München
12. bis 18. August 1968

BAND III

Maria Júlia Pourchet

Ação Indigenista Brasileira em Tres Grupos Kaingáng

O título de nossa comunicação assume um caráter demais pretencioso, dado o clima de nervosismo e mal entendidos que se formou em tórno de ação indigenista no Brasil.

Resultado de observações que vínhamos fazendo, comparativamente, em tres comunidades Kaingáng, duas do estado do Paraná e uma do estado de S. Paulo, quando começámos a alinhar os fatos aqui resumidos, a paixão e o sensacionalismo ainda não dominavam a apreciação eo julgamento da ação indigenista brasileira.

É lamentável que a sucessão de fatos tenha criado êste clima, fatos aliás, que precisam ser considerados em suas devidas proporções, sem exagêros atenuantes nem agravantes, tratando-se de uma atitude que um paiz como o Brasil, com um serviço assistencial sob a égide de Rondón, com sua legenda «Morrer, si preciso fôr, matar nunca!» tem tomado e precisa tomar, consoante uma política indigenista digna de seu passado histórico, onde nunca houve lugar para acirrados ódios raciais, que perturbassem o comportamento interétnico. Mas há êrros individuais, de que não pode ser responsabilizada uma coletividade. Há fraquezas em atos pessoais que podem envergonhar um povo, mas não enodoam sua História . . .

Os objetivos do trabalho em si, em nada foram alterados e já eram de crítica, pois o ex-Conselho Nacional de Proteção aos Índios, órgão normativo que era da política indigenista, de há muito vinha sentindo as graves falhas de algumas unidades do outro órgão, o Serviço de Proteção aos Índios, que, por fôrça regimental, deveria ser o executor de suas normas. Esta crítica será o objeto de nossa despretenciosa quanto sincera comunicação e procurará ressaltar justamente o que uma ação indigenista bem orientada poderá trazer de benefício a uma assistência ao índio, como tutelado da Nação, com seus direitos garantidos por um artigo de sua Carta Magna.

Escolhemos tres grupos Kaingáng, de situação geográfica próxima, integrados e assistidos diretamente por Postos do ex-Serviço de Proteção aos Índios: dois do estado do Paraná, o Fioravante Esperança e o Interventor Manoel Ribas e o terceiro, o Posto Vanuire, no estado de S. Paulo.

O primeiro dêles foi por nós visitado em duas ocasiões (1955 e 1959); o segundo em 1963 e, finalmente, o terceiro, em 1966. Por ocasiões do XXXVII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Mar del Plata, já nos preocupávamos com a diferente atuação dos Postos que assistiam aos dois primeiros grupos e, em uma comunicação àquele conclave, fizemos reparos à situação de reação e comportamento. Êsses dados já se acham, portanto, compilados. Como então Conselheira do ex-Conselho Nacional de Proteção aos Índios, nosso objetivo era o daquela observação e consequente comparação. Quanto aos Kaingáng do Pôsto Vanuire, situado no município de Tupã, no estado de S. Paulo, estão localizados numa zona servida pela estrada de ferro que atinge e cruza a fronteira com o estado de Mato-Grosso. Pacificados em 1910, constituem um dos tres únicos casos que saltaram da condição de isolados para a de integrados e apontados por Darcy Ribeiro¹⁾, como em uma

¹⁾ *Ribeiro, Darcy, 1957: Linguas e Culturas Indígenas do Brasil — « Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro.*

«situação de sobrevivência explicada pela intervenção protecionista que embora não podendo impedir uma enorme depopulação, permitiu-lhes resistir à dramática experiência que representa o salto da condição tribal à de índios civilizados». Os Kaingáng de S. Paulo no intervalo dos anos 1910 a 1917, ainda conforme afirmação de Darcy Ribeiro, caíram de 1200 para 97 indivíduos²⁾.

Seduziu-nos, então, a pesquisa das causas dessa depopulação que, a nosso ver, não se justificava, mas em cuja afirmativa confiávamos plenamente. Em 1966, ano em que visitámos o Pôsto Vanuire, já dispunhamos dos dados do novo Censo que o Conselho Nacional de Proteção aos Índios vinha realizando (Ney Land e colaboradores) de que demos notícia em pequena nota publicada em «América Indígena», vol. XXVII, n^o 1, 1967.

Havia uma discordância flagrante entre os dados de 1957 (Darcy Ribeiro) e 1964 (Censo do CNPI-Ney Land). Os Kaingáng de S. Paulo apresentavam então uma situação «sui generis» para a referência que tínhamos em vista: o referido processo de depopulação³⁾, uma integração sucedendo diretamente à condição de grupo isolado e, mais ainda, uma localização no estado brasileiro (S. Paulo) de maior índice de industrialização. Só nos restava o exame dessas peculiaridades, além da apreciação da influência do fator assistencial ou «intervenção protecionista», como prefere chamar Darcy Ribeiro⁴⁾.

O Pôsto Vanuire não assiste só a Kaingáng, mas também a alguns índios Krenak e Terena, além de alguns mestiços Kaingáng X Krenak e Kaingáng X Terena. Com o nosso objetivo de comparação não só de dados antropológicos como dos de reação e comportamento face à ação indigenista, preocupamo-nos apenas com os Kaingáng, ainda porque eram a maioria. Só o Pôsto Vanuire conta com 65 indivíduos, de pura ascendência Kaingáng.

Cada família tem seu pedaço de terra para fazer sua plantação, dado o fato de questionarem muito por causa das roças. Atualmente (1966) estavam fortemente interessados na cultura do amendoim e, como o Posto se situa nas proximidades das cidades de Marília e Baurú, duas cidades onde é intensa a industrialização do amendoim para óleo de cozinha (Companhias Sanbra, Anderson Clayton, etc.) todo o amendoim produzido é comprado e se constituiu numa fonte de renda forte. Além disso, os índios plantam milho, legumes para o próprio consumo, algum feijão, etc. Em outros tempos plantaram o café e ainda se pode ver sinais de cafésais em terras do Pôsto, de que restam hoje vestígios decadentes, representados por alguns pés de café muito raquíticos. O Pôsto lhes fornece recursos apreciáveis para as lavouras, pois possui um arado, um terraplenador, um distribuidor de sementes e um separador de sementes. Já vendem os produtos de suas plantações, embora o controle exercido pelo Encarregado do Pôsto não lhes deixe nas mãos toda a renda que conseguem apurar, pois, infelizmente, como é frequente acontecer, abusam da «cachaça». Alguns possuem galinhas e porcos; no Pôsto, há cabeças de gado vacum e equino. Os índios que podem e o são quase todos, adquirem leite por compra, como foi estabelecido pelo Encarregado do Pôsto, que nos disse: «assim dão valor porque sabem quanto custa . . .»

Algumas mulheres, com suas economias, já adquiriram máquinas de costura Leonam (de motor elétrico) e executam peças de vestuário para a família e para venda às que não

²⁾ Ribeiro, Darcy, *Ibidem*

³⁾ Ribeiro, Darcy, *Ibidem*

⁴⁾ Ribeiro, Darcy, *Ibidem*

as sabem fazer. Bordados e tricô também já são executados pelas mais habilidosas, que os vendem, através o Pôsto. Quase todos os homens já adquiriram seu rádio de pilha e, como de hábito nas cidades do interior, os mais jovens vão aos domingos à cidade mais próxima, Tupan, para o giro na praça principal, depois da sessão de cinema. Segundo fui informada esta presença do índio não desperta mais curiosidade entre os moradores da cidade; apenas são eles mencionados como *índios* por algum visitante da cidade.

Todo o amendoim que produzem é adquirido pelas Companhias já citadas, de modo que têm sempre dinheiro para comprar algumas utilidades, cigarro, além de produtos das roças vizinhas. Pagam também o leite e a carne que o Pôsto lhes vende.

O Pôsto Vanuire, como a maioria dos Postos do Serviço de Proteção aos índios, não tem um serviço médico permanente, entretanto algumas Inspetorias Regionais e Adjudâncias contam com o médico visitante, que passa temporadas em cada Pôsto, atendendo aos casos muito frequentes de verminoses ou na aplicação de vacinas anti-variólicas, vacina tríplice, anti-tífica, etc. Os casos mais graves (cardiopatas, tuberculose, septicemias) são atendidos com a possível urgência pelo Hospital Municipal Tupã, para onde são levados na camioneta do Pôsto. Segundo nos revelou o Sr. Itamar Simões, Encarregado de Pôsto, o Hospital Municipal recebe todos os índios enfermos e os trata até a recuperação total, como foi o caso da muito popular índia «Mulata», que portadora de cardiopatia e em grave crise, fôra transportada para o Hospital, em estado de coma. Inteiramente recuperada da crise, já estava em plena atividade em sua casa, embora continuando a merecer todas as atenções médicas de que necessitava, continuando para isso a frequentar o ambulatório do Hospital, semanalmente.

Na pequena farmácia do Pôsto, um jóve prático de farmácia vinha estagiando e o fazia por períodos, de vez que percorria todos os Postos subordinados à Ajudância de S. Paulo. A farmácia e o gabinete médico do Pôsto Vanuire, embora deficientes em mobiliário e aparelhagem, eram, entretanto bem organizados, com a rotulagem de todos os medicamentos recebidos; mais ainda, todos os índios possuíam sua ficha de estado sanitário, constando na das crianças a aplicação das vacinas e dos vermífugos. O aspecto em geral sadio das crianças, confirmava esta verificação. Acresce a circunstância de que o Serviço de Merenda Escolar do Estado de S. Paulo envia gêneros regularmente: cangica, massas, leite de soja, farinhas, etc. que, com os legumes de horta do Pôsto, permitem a distribuição às crianças de uma substancial sôpa ou um mingáu, enriquecido com leite e ovos.

Quanto aos adultos, não é menos saudável o aspecto que apresentam, havendo, porém, a lamentar o hábito de tomar a cachaça, de que alguns abusam, entrando em estado de embriaguez, o que é mais comun aos sábados e domingos, quando vão passear nas cidades e municípios vizinhos. A propósito, foi com grande pesar que verificámos haver no terreno do Pôsto, aos fundos da casa-séde, uma espécie de guarita, com um metro-quadrado, mais ou menos de área e altura suficiente para um homem se manter de pé. Nela são encarcerados os índios que, ao se excederem no uso da bebida, cometem desatinos e provocam rixas de conseqüências perigosas. É o recurso de que dispõe o Encarregado do Pôsto. Não vimos no momento outra solução, embora desejássemos concorrer com alguma sugestão que substituisse aquela deprimente «gaiola».

Um dos fatos verdadeiramente positivos do Pôsto Vanuire era a educação das crianças em idade escolar. D. Elita Simões, esposa do Encarregado e também funcionária do SPI, mostrando intuitivos vocação e treinamento indigenistas era não só professora das crianças, como das mulheres, a quem ensinava Artes Domésticas. Foi-nos possível assistir a aulas da escola do Pôsto, aulas dentro de métodos modernos, pois a referida funcionária vinha

tendo a preocupação de se aperfeiçoar, frequentando cursos organizados em Tupã, pelo Centro do Professorado Paulista. Além de Cursos Gerais de Aperfeiçoamento, ela fizera o de Tratamento e Conservação de Sólidos e o de Confeção de Fantoches; organizára no fim do ano uma festa, na qual fizera observações das crianças ao reagirem frente a uma história de fantoches, relacionada com a vida da comunidade.

Os ensinamentos do Técnicas de Tratamento e Conservação de Sólidos éla os transmite aos homens e conta, para isso, com a colaboração de uma unidade da Secretaria de Agricultura, sediada em Tupã. Às mulheres, ensina bordado, tricô, artes domésticas, organizando depois exposições dos trabalhos confeccionados e concursos sobre o modo de apresentação das casas, em relação à limpeza, arranjo, etc. O produto da venda dos trabalhos, depois das exposições é entregue às mulheres índias, que o utilizam para a compra de utilidades domésticas.

Do que nos foi dado observar no Pôsto Vanuire e, anteriormente, nos dois outros postos Kaingáng, tirámos algumas conclusões, embora não definitivas e, que com a continuação de nossas visitas a outros Postos, deverão ser confirmadas ou, talvez, infirmadas.

A) Pôsto Fioravante, Esperança, *Palmas* (Paraná)

Uma completa desorganização do Pôsto, resultado de má administração. Péssima reação das crianças e dos adultos em relação a qualquer solicitação, resultado de uma decepção constante, por falta de atendimento anterior. Apesar de grande extensão de terras, muito pouca lavoura e também quase nenhum aparelhamento.

B) Pôsto Interventor, Manuel Ribas, *Rio das Cobras* (Paraná)

Boa administração do Pôsto. Escola para as crianças; bom atendimento hospitalar, com transporte assegurado pela camioneta do Pôsto. Criação de gado e extensa lavoura, proporcionando ao índio trabalho como assalariado.

C) Pôsto Vanuire, *Tupã* (São Paulo)

A situação do Pôsto já é de privilégio, pois se situa num estado brasileiro de economia boa e alto índice de industrialização. Proximidade de centros industriais muito ativos e de zonas produtoras ricas. Ótimo atendimento do Pôsto, em relação á educação das crianças. Estado sanitário bem atendido. Bom aparelhamento do Pôsto. Boa administração.

Parecem-nos lícitas as conclusões de que nos três grupos, onde uma série de constantes foram apreciadas, a variável era uma ação indigenista bem orientada, que, conquanto não seja a ideal, permitira aos índios, em sua situação de integrados, tirar partido das condições que a região privilegiada lhes oferecia.

O ex-Conselho Nacional de Proteção aos Índios, hoje integrando a Fundação Nacional do Índio, empenhou-se seriamente nêsse problema de ação de uma política indigenista, que assistindo ao grupo indígena em processo de integração irreversível, dê recursos para que ainda dependente, mas não marginalizado, possa o indivíduo realizar-se como pessoa humana. Para isto, organizou, com a colaboração de educadores e etnólogos com experiência do problema, um *Plano de organização e Desenvolvimento de Comunidades indígenas*, que o atual *Departamento de Estudos e Pesquisas* da FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO deverá pôr em execução dentro de breve tempo, contribuindo para uma experiência que poderá ser significativa para o exercício de Política Indigenista do Brasil.